

Antes de começar a entrevista explico a importância da mesma para o meu estudo e relatório, pedindo a participação de todos os elementos do grupo.

1- Aprenderam ou desenvolveram algumas novas técnicas para utilizar nos instrumentos/voz?

Eu- No vosso caso não há utilização da voz, se bem me lembro.

Margarida- Não. Há algum grupo que usa a voz?

Eu- Há grupos que estão a usar a voz como efeito. Isso pode ser uma aprendizagem também. Imagina algum aluno do grupo que está lá ao pé e que não sabe fazer aquilo, mas que está a trabalhar com ele e vê “Olha! Isto pode-se fazer!”. É uma aprendizagem. Assim da mesma maneira, por exemplo, neste projeto vocês escolher os instrumentos que quiseram e acharam que eram mais importantes e se calhar havia coisas que vocês nunca tinham tocado ou experimentado e que aprenderam a fazer agora com este trabalho.

Margarida- Eu por exemplo na viola mais ou menos não tinha bastante tempo para voltar a tocar viola. Eu há mais ou menos 5 meses que não tocava e então serviu para voltar a entrar.

Eu- Foi uma motivação, um estímulo para voltares a pegar na viola. E mesmo ao nível dos outros instrumentos, vocês estão a tocar vários instrumentos, estou-me a lembrar do sintetizador. Acho que não é uma coisa que tenham utilizado até agora muitas vezes. A não ser que o Marco, porque é o Marco que está a tocar o sintetizador, é um instrumentos que toques assim fora da escola muitas vezes?

Marco- Não.

Eu- E o facto de estares ali a trabalhar com ele durante estas sessões que temos vindo a fazer, não houve assim nenhuma aprendizagem que tenhas feito em relação aquele instrumento?

Marco- Houve.

Eu- Qual? Isso só não me chega.

Marco- Tocar piano.

Eu- Mas tu não estás a tocar o som de piano. Tu já sabias que aquele instrumento permitia mudar os sons?

Marco- Não.

Eu- Então isso se calhar é uma aprendizagem não é? Ficaste a saber, descobriste, aprendeste, que aquele instrumento permite mudar os timbres. Que aquilo tem uma série... Tem poucos?

Marco- Não.

Eu- Não. Tem bastantes. E Em relação à posição das notas no teclado já sabias?

Marco- Não.

Eu- E já sabes hoje? Mais ou menos onde se encontram as notas?

Marco- Sim.

Eu- Mais coisas que a gente possa falar como tendo sido aprendizagens que se fizeram?

Marco- Acho que mais nada.

Gonçalo S.- Acho que mais nada.

Tiago Rosa- Eu já tinha tocado o jogo de sinos.

Eu- (Para a Beatriz D.) Tinhas tocado já o prato suspenso?

Beatriz- Não.

Eu- Mas foi alguma coisa que tivesses que aprender agora ou já tinhas observado fazer?

Beatriz- Já tinha observado.

2- Para vocês quais são as principais diferenças entre improvisar e compor? (3’ 47’’))

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA FINAL PROJ. EDUC. MESTRADO- GRUPO 3

Marisa- Improvisar é quando nós fazemos aquilo no momento. Compor...

Beatriz- É uma coisa que já está escrita.

Tiago Rosa- Compor é quando nós podemos compor uma música, ou uma melodia, uma harmonia e depois tocá-la... com o nosso instrumento.

Margarida- Para mim o improvisação é quando nos dão um instrumento e nos costumam dizer “Agora vais olhar para este vídeo e vais tentar encaixar o instrumento nesse vídeo. Compor é “Olha agora tens dois dias para me compores uma música que dê para este vídeo”. Compor é o que nós fazemos e imitamos aquilo que está escrito.

Eu- Ou seja, que podem repetir e ir melhorando, ou modificando. Mas olha lá Margarida, mas improvisar pode não haver nenhum filme.

Margarida- Sim, sim! Foi só um exemplo.

Eu- Pode ser só sem nada.

Tiago- Toca! Toca o que vai...

Eu- E nós aqui temos estado a improvisar ou compor?

Marco- A compor.

Tiago- Primeiro nós começámos a improvisar. Depois fomos tentando arranjar umas melodias e agora já sabemos mais ou menos o que estamos a tocar.

Eu- Acham que isto, aos poucos, se foi tornando mais numa composição e menos numa improvisação.

Vários- Sim, sim.

Eu- Mas nunca é exatamente...

Tiago. Não, exatamente é difícil.

Eu- ... igual. Também não está nada escrito pois não.

Vários- Não!

Eu- Então isto está aqui uma situação um bocadinho intermédia entre o improvisar e compor. Será?

Tiago- Tocamos as mesmas notas mas não é na mesma ordem.

Eu- Na mesma ordem? No mesmo sítio?

Tiago- Sim!

Eu- Mas há assim sítios definidos no filme para fazerem as coisas não há?

Margarida- Sim, alguns sítios onde por exemplo entram os jogos de sinos e o tamborim.

3- O que entendem por banda sonora?

Margarida- É o que dá a música, para nós entendermos um filme melhor do que sem ela.

Tiago- É o que nos ajuda a perceber o que se passa naquele filme. Por exemplo...

Eu- Um exemplo em relação ao vosso filme.

Margarida- Quando o rapaz cai ao tocarmos todos juntos uma música crescente e depois quando ele cai tocamos todos juntos, quando está a crescer acho que dá uma certa emoção aquilo que estamos a ver no filme.

Eu- E sonoplastia? Falámos logo no início. Se não conseguirem definir dêem um exemplo.

Margarida- Eu não sei se é disto...

Marco- Acho que é quando uma pessoa toca e depois pára, depois outra pessoa toca e depois pára.

Margarida- Eu acho que é quando uma pessoa está a tocar e depois outra toca por cima. Não me lembro bem

Eu- Gonçalo algo uma ideia?

Gonçalo- (acena a cabeça negativamente)

Margarida- Já foi no início das aulas...

4- O que é necessário para fazer uma composição musical para um filme? (09 jan)

Tiago- Organizarmo-nos. Definir algumas coisas para tocar.

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA FINAL PROJ. EDUC. MESTRADO- GRUPO 3

Gonçalo- Ouvir as sugestões dos outros, as idéias dos outros elementos do grupo. Porque assim ajuda mais, cada um tem idéias e “formamovas??” e acho que fica um bom trabalho.

Margarida- O trabalho de grupo, a coordenação entre todos, o definir todos juntos o que cada um vai fazer para ver se conseguimos trabalhar bem e definitivamente a concórdia entre todos.

Marisa- Eu acho que é escolher bem para o filme não ficar... os instrumentos não adequarem ao filme.

Eu- Vocês falam muito do grupo, da troca das idéias, mas não será fundamental conhecer bem o filme?

Margarida- Sim. Saber bem a parte onde cada um tem de entrar.

Tiago- Onde cada um tem de começar a tocar. Às vezes tem de se parar e depois começa outro.

Margarida- Não pode haver vozes “entre os meios a dizer- quando é que eu entro?”.

Eu- Sim. Isso é para a gravação. Para o ensaio pode ser. No trabalho de composição pode-se fazer isso. Quando estamos a gravar a versão final é que não.

Gonçalo- Quando temos os instrumentos que ficam melhor para...

Eu- Mas isso tem que ver com o quê. A escolha dos instrumentos vem de quê?

Tiago- Do filme.

Margarida- Para nós sabermos escolher bem os instrumentos temos de conhecer bem o filme e vê-lo várias vezes.

Eu- E não terão de conhecer bem também os instrumentos? Para saber se o som que eles produzem...

Margarida- Sim. Exatamente. Se há coisas em que fica melhor um tambor, um tamborim em vez de uma viola e nós temos de saber que som é que faz isso para ver se encaixa bem no filme.

Eu- No ambiente que vocês querem criar para o filme. Mais alguém quer acrescentar alguma coisa sobre isto?

Tiago- Por exemplo, ver se os sons que produzem os instrumentos encaixam bem no filme. Por exemplo o bloco de dois sons dá para fazer o tic-tac do tempo a passar.

Eu- Pode-se ir buscar essa comparação não é.

Gonçalo- No grupo da Maria e da Inês o reco-reco quando ele tira as senhas acho que fica bem.

Eu- Mas isso, lá está, isso são mais os efeitos. (Faço referência à importância da seleção tímbrica- ter a sensibilidade na seleção)

Margarida- Nós devemos também saber se um filme é muito alegre ou triste, para conseguir enquadrar os instrumentos todos para que se pareça com o filme.

5- (Após recordá-los das aulas em que falei dos mecanismos expressivos) Quais os mecanismos expressivos que consideram mais importantes numa composição musical para um filme?

Margarida- Acho que é o realce tímbrico.

Eu- Realce tímbrico?

Gonçalo- A altura, quando vamos tocar.

Eu- Mas a altura grave e agudo?

Gonçalo- (Acena afirmativamente)

Eu- Mas o que é que tu achas que a altura pode ter interesse?

Gonçalo- Para fazer novos sons, para...

Margarida- Misturar agudos com graves.

Gonçalo- Sim.

Tiago- Mudança tímbrica.

Eu- Alteração? Porquê, o que é que isso permite?

Tiago- Pode permitir o filme ficar mais desenvolvido. Perceber-se melhor.

Margarida- Por exemplo na nossa parte do filme, quando o rapaz está a subir há um realce tímbrico porque começa baixo e depois vais subindo até ele cair.

Eu- Há um crescendo de intensidade. Realce tímbrico se calhar não há porque estão todos misturados ao mesmo tempo. Digo eu.

Margarida- Sim.

6- Relativamente às experiências de improvisação anteriores (com outros indutores) o que acharam de trabalhar sobre os filmes?

Gonçalo- Acho que foi engraçado. Foi uma experiência nova para todos nós.

Eu- Mas por comparação com aquela coisa de imagem parada o que é que trouxe de novo, ou o que é que dificultou?

Margarida- Há uma diferença porque na imagem parada nós não estamos a ver o que se passa, só temos uma única imagem e temos de introduzir instrumentos...

Eu- E o que é que isso se pode traduzir em termos da criatividade da pessoa?

(Nesta altura batem à porta e é um dos elementos de outro grupo para verificar se já é a vez deles)

Margarida- Como eu estava a dizer, acho que quando temos uma só imagem o que pode querer dizer à pessoa é uma mistura de sons para equivaler... por exemplo o vento, os sacos o tamborim...

Eu- Mas isso para produzir o efeito. Como queres estabelecer essa diferença em relação ao filme?

Margarida- Porque no filme nós temos uma imagem mexida e temos de, com os instrumentos que estão na sala, temos de fazer com que o som que estamos a fazer seja parecido ao que está a passar lá.

Eu- Mas lá supostamente não está som nenhum.

Tiago- Por exemplo, na imagem podemos fixar a imagem na cabeça e não é preciso saber a altura de nada. No filme às vezes temos de olhar para as nota que tocamos e depois olhar para o filme, dificulta. Porque nós não contamos o tempo e coisas assim.

Marco- Podemos perdermo-nos. Quando o David estava a olhar só para o metalofone a Maria queixou-se que ele perdeu uma parte do filme.

Eu- Beatriz, foi melhor, foi pior, foi diferente? Teve pon

Beatriz- Foi diferente. Eu acho que foi melhor. Porque na imagem que nós tínhamos, nós tínhamos de fazer só para aquele momento, não alterávamos os instrumentos. Agora não, tínhamos também de ter outros instrumentos. É mais fácil.

7- Como avaliam a composição do vosso grupo? Porquê?

Gonçalo- Acho que estava bom.

Margarida- Está bom (com um encolher de ombros e um ar não muito convencido).

(Fazem apreciações qualitativas e quantitativas mas alerta que a avaliação que peço não tem que ver com notas escolares)

Tiago- Temos algumas coisas a corrigir.

Margarida- Sim bastantes.

Tiago- Mas melhorámos e acho que estamos a ir bem.

8- Que composição dos vossos colegas preferem? Porquê?

Margarida- Sim, o trabalho do grupo da Noemi.

Tiago- Sim eu também acho.

Eu- Acham que é o grupo que tem as soluções que vocês acham...

Margarida- Sim, acho que por exemplo quando a Beatriz imita um passaro, quando o André imita o Pai Natal e quando fazem a árvore de Natal.

Marisa- Quando a Noemi toca piano dá um som mais suave.

9- Como é que acham que o vosso grupo se organizou?

Gonçalo- Mais ou menos.

Eu- Diz lá porquê Gonçalo.

Gonçalo- Nós estávamos às vezes a discutir por causa dos...

Tiago- Mas discutir não é sempre mau.

Margarida- Conversa, barulho.

Gonçalo- Apresentar as nossas idéias. Mas depois acho que resolvemos e acho que já assentámos.

Margarida- Eu acho que ao início estava um pouco desorganizado. Estava tudo a querer ir para os instrumentos e a escolher os instrumentos. Mas acho que agora, com a discussão entre aspas, discussão entre nós sobre os instrumentos que devíamos usar para o filme e os que não devíamos usar. Sobre o que devíamos fazer e o que não devíamos fazer. Sobre as alturas em que devíamos entrar. Sobre as notas que devíamos fazer e que não. Sobre...

Tiago- O volume.

Margarida- Sim, a intensidade. Acho que segundo o que estava ao início agora melhorou bastante.

10- Todos os elementos do grupo contribuíram com ideias e sugestões?

Todos- Sim!

Margarida- Quer dizer, alguns podiam ter dado mais idéias outros menos, mas foi tudo...

Eu- Todos participaram?

Margarida- Todos participaram. Todos deram idéias. Todos falaram.

11- Na vossa opinião quais os pontos positivos do funcionamento do grupo? E os negativos?

Margarida- Os mais negativos foi quando há muita brincadeira com os instrumentos. Não me ouvem. sobre o filme. Sim, basicamente isso. Os pontos bons é que quando começa o trabalho trabalha-se e o trabalho sai bem.

Gonçalo- E organizado.

Eu- Quando eu falei há pouco de organização vocês acham que foi uma partilha de igual para igual de toda a gente ou houve alguma figura ou figuras de liderança?

Tiago- Não. (Gonçalo também abana a cabeça negativamente)

Margarida- Eu...

Tiago- Às vezes ela...

Margarida- Mas era para vocês estarem calados! (Gonçalo acena afirmativamente)

Tiago- Mas ela era a porta-voz.

Eu- Tinha a haver mais com o quê? Com o cumprimento de alguma regras?

Margarida- Sim! Um bocadinho isso mas de outro sentido não...

Eu- Em termos do trabalho musical memso, das escolhas musicais, não houve ninguém a sobrepor-se?

Margarida- Não houve ninguém que queira dizer que eu quero ficar neste e não saio, eu quero aquele. Não, eu acho que resolvemos entre nós "Achas bem tu ires para ali, tu ires para aqui..."

Gonçalo- Primeiro iamos experimentar todos os instrumentos: Vimos quais eram os mais interessantes e os que de nós tocavam melhor. Depois, cada um tocava um instrumento que tocava melhor... Eu toco dois, a bia toca dois...

Tiago- Os que não serviam lá muito bem...

Margarida- Nós retirávamos.

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA FINAL PROJ. EDUC. MESTRADO- GRUPO 3

Tiago- Fizemos umas mini provas de talentos, para ver quem é que tocava melhor cada instrumento.

Eu- Quase com se fosse uma audição.

Margarida- Um bocadinho sim. Nós ao início, quando ele caia, pensámos na bateria só que ficava um som muito intenso e então escolhemos o djembé. Ao início também tínhamos escolhido o cavaquinho mas o som era mais... mais havaiano, mais tropical. Então fui para a viola. Tínhamos, acho que... desses dois não mudou muita coisa a partir daí.

Tiago- Tínhamos clavas!

Margarida- Sim, sim!

12- Como é que decidiram que idéias musicais deviam ficar na versão final da banda sonora?

Gonçalo- Fomos para a sala de informática...

Margarida- E esclarecíamos entre todos.

Eu- mas foram a votos?

Margarida , Marisa Tiago e Gonçalo- Não, não, não!!

Margarida- Falámos todos e perguntávamos “Olha achas que esta parte fica bem neste, achas que este fica bem neste?”.

Tiago- E os que estavam mal dizíamos “Não, acho que este não fica muito bem” e tirávamos esse instrumento.

13- Se voltassem a ter uma experiência (encomenda) deste género prefeririam compor sozinhos ou em grupo? Porquê?

Unânime- Em grupo!!

Margarida- Possivelmente em grupo.

Tiago- Temos muito mais idéias.

Marisa- Sim. Podemos discutir...

Margarida- Podemos variar mais entre os instrumentos. Podemos ver “olha tu podes tocar este instrumento porque tocas bem” e sozinho acho que ficava só um simples instrumento. Nós não nos multiplicamos.

Tiago- Pois. Se fosse só um de nós só podíamos tocar um instrumento ou dois e não ficava tão...

Gonçalo- Não tinha muito sentido.

Tiago- Não se percebia.

Eu- Pouco variado se calhar também. Concordas também Beatriz?

Beatriz- Sim.

14- Durante a realização do trabalho de composição aprenderam algo de novo com algum dos outros elementos do grupo? O quê?

Margarida- Acho que nós, quer dizer, este grupo acho que a maior parte nunca tinha trabalhado junto e acho que, por exemplo, na parte que tem a flauta e a viola eu consegui aprender com o Gonçalo e o Gonçalo conseguiu aprender comigo, para sintonizarmos os dois a viola e a flauta.

Gonçalo- Umas notas para ficar sons parecidos.

Eu- Que conjugassem bem-

Tiago- Eu e o Marco também já tivemos a falar e já decidimos umas notas os dois.

Margarida- Que é para diferenciar o piano do...

Marisa- Do jogo de sinos.

Eu- Mas em relação à questão de, por exemplo, técnicas de agarrar as baquetas...

Margarida- Sim, acho que sim.

Tiago- Por exemplo a Marisa já tocava muito alto

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA FINAL PROJ. EDUC. MESTRADO- GRUPO 3

Margarida- A intensidade!

Eu- E foi algum deles que depois te chamou a atenção.

Marisa- Sim.

Margarida- O piano às vezes...

Tiago- O teclado!

Margarida- Sim o teclado. Quando o Marco fazia com muita força e não sabia as notas, nós íamos lá ajudar e dizíamos “Não toques com tanta força. Toca mais estas notas para ver como é que fica, como é que soa”.

Tiago- Ele também aprendeu consigo quando disse que quanto mais carregar, mais som...

Eu- Beatriz também houve assim alguma coisa que tivesses assim...

Beatriz- Aprendemos todos a fazer harmonia com todo os instrumentos, para tocar juntos e como a guitarra e a flauta e o piano...

Tiago- Entendemo-nos bem.

Margarida- E aprendemos a trabalhar mais em grupo. Porque nós do 1º ao 4º ano não trabalhamos muito em grupo, no 5º ano mais ou menos. Mas agora estão-nos a pedir trabalhos em grupo porque nós não estamos habituados a trabalhar com muita gente, estamos habituados a trabalhar sozinhos e com isto do “agora vais fazer um trabalho com este, este e aquele” nós aprendemos muito com o trabalho de grupo. A não fazer tudo sozinhos, a saber ajudar o outro, saber valorizar o outro.

Marisa- Part...

Vários- Partilhar, sim!!